

"Ninguém sonha em ser coveiro": vozes do silêncio em tempos de pandemia



RESUMO

O presente estudo analisa as representações midiáticas sobre o trabalho dos coveiros durante a pandemia de covid-19 no Brasil, buscando compreender como a imprensa retratou esses profissionais e os impactos emocionais, sociais e simbólicos de sua atuação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza documental, cujas fontes primárias foram reportagens e notícias divulgadas no portal de busca Google entre março de 2020 e dezembro de 2021. A busca utilizou as palavras-chave "coveiros", "sepultadores", "cemitérios", "Brasil", "pandemia" e "covid-19". Após a leitura integral das matérias e a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, 26 notícias foram selecionadas para análise. A categorização dos conteúdos revelou oito eixos temáticos: condições de trabalho e infraestrutura; visibilidade e invisibilidade social; impactos psicológicos e emocionais; representações midiáticas e discursivas; dimensões políticas e institucionais; religião, espiritualidade e sentido do trabalho; narrativas humanas e biográficas; e rituais de morte e alterações no luto. Os resultados apontam que os coveiros, apesar de ocuparem um papel essencial na linha de frente da crise sanitária, permaneceram socialmente invisíveis, enfrentando sobrecarga física e sofrimento emocional. As narrativas jornalísticas analisadas evidenciam a desvalorização histórica da profissão e ressaltam a urgência de reconhecer sua relevância social e simbólica não apenas em contextos de pandemia.

Palavras-chave: Sepultadores; Crise sanitária; Covid-19; Estigma; Invisibilidade Social.

* Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ). Professora Visitante no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde e Hospitalar da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). CV: <http://lattes.cnpq.br/157002401115936>

** Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) e do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do IESC/UFRJ. CV: <http://lattes.cnpq.br/3860753416382806>

"Nobody dreams of being a gravedigger": voices of silence in times of pandemic

ABSTRACT

This study analyzes the media representations of gravediggers' work during the covid-19 pandemic in Brazil, seeking to understand how the press had portrayed these professionals and the emotional, social, and symbolic impacts of their work. It is a qualitative, documentary-based study whose primary sources consisted of reports and news articles published on the Google search portal between March 2020 and December 2021. The search used the keywords "gravediggers," "burial workers," "cemeteries," "Brazil," "pandemic," and "covid-19." After a full reading of the materials and the application of inclusion and exclusion criteria, 26 news articles were selected for analysis. The categorization of the content revealed eight thematic axes: working conditions and infrastructure; social visibility and invisibility; psychological and emotional impacts; media and discursive representations; political and institutional dimensions; religion, spirituality, and the meaning of work; human and biographical narratives; and death rituals and changes in mourning. The results indicate that, although gravediggers played an essential role on the front lines of the health crisis, they remained socially invisible, facing physical overload and emotional suffering. The journalistic narratives analyzed highlight the historical devaluation of this profession and underscore the urgent need to recognize its social and symbolic importance not only in pandemic contexts.

Keywords: Gravediggers; Health crisis; Covid-19; Stigma; Social invisibility.

"Nadie sueña con ser sepulturero": voces del silencio en tiempos de pandemia

RESUMEN

El presente estudio analiza las representaciones mediáticas sobre el trabajo de los enterradores durante la pandemia de covid-19 en Brasil, con el objetivo de comprender cómo la prensa retrató a estos profesionales y los impactos emocionales, sociales y simbólicos de su labor. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter documental, cuyas fuentes primarias fueron reportajes y noticias publicados en el motor de búsqueda Google entre marzo de 2020 y diciembre de 2021. La búsqueda utilizó las palabras clave "coveiros", "sepultadores", "cementérios", "Brasil", "pandemia" y "covid-19". Tras la lectura completa de los materiales y la aplicación de criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 26 noticias para el análisis. La categorización de los contenidos reveló ocho ejes temáticos: condiciones de trabajo e infraestructura; visibilidad e invisibilidad social; impactos psicológicos y emocionales; representaciones mediáticas y discursivas; dimensiones políticas e institucionales; religión, espiritualidad y sentido del trabajo; narrativas humanas y biográficas; y rituales de muerte y transformaciones del duelo. Los resultados indican que, aunque los enterradores desempeñaron un papel esencial en la primera línea de la crisis sanitaria, permanecieron socialmente invisibles, enfrentando sobrecarga física y sufrimiento emocional. Las narrativas periodísticas analizadas evidencian la desvalorización histórica de la profesión y subrayan la urgencia de reconocer su relevancia social y simbólica, no solo en contextos de pandemia.

Palabras clave: Sepultureros; Crisis sanitaria; Covid-19; Estigma; Invisibilidad social.



Períodos epidêmicos ou pandêmicos sempre ocasionam grandes transformações históricas (Vicente da Silva, 2020, p. 1). A peste negra, a gripe espanhola e os surtos de febre amarela, por exemplo, ocasionaram significativas mudanças na forma de lidar com a morte, os mortos e o morrer (Reis, 1991). Desde março de 2020, quando eclodiu a pandemia da covid-19 no Brasil, muitas foram as alterações na vida cotidiana das pessoas. Além das mudanças impostas pelo risco de contaminação do novo e ameaçador vírus que assolou a população brasileira, que então teve e tem de lidar com as graves consequências impostas pela inábil gestão pública do governo vigente à época.

O primeiro ano de pandemia no Brasil foi marcado por grande rotatividade de gestores no Ministério da Saúde; divergências de normas, diretrizes e protocolos sanitários de biossegurança; desconfiança na ciência e negacionismo perante a veracidade dos agravos da doença; incentivo vindo do chefe do executivo federal de então para que a vida continuasse em sua “normalidade” em nome da economia; recomendações de medicamentos comprovadamente insuficientes para o tratamento de sintomas da doença ou para a sua prevenção – como a *Cloroquina*, a *Ivermectina* e o *Kit-covid* – e, até o estabelecimento de um movimento intitulado “anti-vacina”¹ (Borges et al., 2025).

A conjuntura brasileira durante a pandemia da covid-19 ilustra um cenário dramático: enquanto a população clamava por proteção e cuidado, o Estado respondeu com uma postura fundamentada nos princípios da necropolítica (Mbembe, 2018). De acordo com Mbembe (2018), a necropolítica é o exercício do poder soberano que decide quem tem direito à vida e quem está destinado à morte. Trata-se de uma forma extrema de governança, na qual, ao administrar a vida, o Estado também regula e, em certos casos, impõe a morte. Os princípios fundamentais dessa lógica envolvem a soberania que se traduz no direito de matar, a criação de zonas de exceção – onde a vida se reduz à mera sobrevivência – e a gestão desigual dos corpos, com base em raça, classe social e posição econômica. Nesse contexto, certos grupos são deliberadamente expostos à morte, ao abandono ou à invisibilidade, evidenciando que o poder moderno atua não apenas na manutenção da vida, mas também na sua eliminação.

O Estado, portanto, determinou quem poderia viver e quem deveria morrer, com ênfase nas populações mais vulneráveis. Aqueles que não tinham a opção de cumprir o isolamento em suas casas se viam forçados a enfrentar o risco de contágio nas ruas, nos transportes públicos lotados e em outros espaços aglomerados, sem possibilidade de evitar a exposição. Muitos desses cidadãos pertencem à camada da população brasileira que vive com uma renda inferior ao salário-mínimo e sem qualquer vínculo formal de trabalho. Em um cenário desolador, o presidente da época incentivou a população a sair às ruas e “enfrentar” o vírus, sob o argumento de que “a economia não podia parar”.² O resultado desta política da morte implicou em mais de 699,28 mil mortos pela covid-19 e 37.076.053 casos confirmados no Brasil entre janeiro

¹ Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf

² CNN Brasil. (2020, 20 de março). Economia não pode parar por causa do novo coronavírus, diz Bolsonaro. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/economia-nao-pode-parar-por-causa-do-coronavirus-diz-bolsonaro/>

de 2020 e março de 2023, datas que compreendem todos os dados registrados pelo *Johns Hopkins University, Coronavirus Resource Center*³ e em uma sociedade enlutada.

Estudiosos do luto afirmam que para cada morte são estimadas até dez pessoas que entram em processo de luto (Casellato, 2020; Carvalho, 2021; Kovács, 2020; Franco, 2021). No que diz respeito, em particular, às mortes pela covid-19, observa-se uma complexidade neste processo, pois houve casos em que apenas uma pessoa passou por diversas perdas em curto período de tempo, como por exemplo, o falecimento de mais de um membro de sua família, a morte de amigos, vizinhos e até colegas de trabalho. Outro aspecto que merece destaque são os profissionais de saúde que atuaram na “linha de frente” que, além de presenciarem um aumento expressivo de mortes de pessoas internadas em instituições de saúde, ainda lidaram com o falecimento de colegas de trabalho, muitas vezes contaminados no próprio ambiente laboral – e o mesmo do enlutado.

Além desse cenário trágico, somaram-se as alterações ocorridas nos ritos fúnebres, sobretudo no período anterior à vacinação. Os ritos são uma forma indispensável de expressão e solidificação de vínculos, que suscitam uma partilha de emoções, relevantes para valorizar certas situações, assegurar e reforçar coesão social (Menezes et al., 2021, p. 46). Tratando-se dos ritos de morte, cada cultura possui um modo peculiar de expressão, mediante rituais específicos. De acordo com a pesquisadora Andréia Vicente da Silva, a falência biológica sempre foi envolta num complexo trabalho de restituição por meio de padrões de comportamento denominados rituais e, por isso mesmo apontou em suas pesquisas atuais como os protocolos sanitários brasileiros que visavam a conter a propagação do vírus atingiram os ritos tradicionais e impulsionaram “novos rituais possíveis” aos mortos (Vicente da Silva, 2020, p. 1).⁴

O ano de 2020 foi o mais rígido no que se refere ao cumprimento dos protocolos de biossegurança no Brasil urbano (Vicente da Silva, 2022). À época, os doentes eram isolados em alas específicas nos hospitais – os *Covidários* – e permaneciam desacompanhados de seus familiares e demais pessoas que compunham suas redes afetivas. Em caso de falecimento, seus corpos não passavam pelos rituais de higiene e demais preparos, como vestimentas escolhidas pelos entes queridos e ornamentações com arranjos de flores. Ao contrário, eram embalados em invólucros plásticos resistentes e protegidos, a fim de evitar contaminação de terceiros e do meio ambiente. Para identificação dos corpos, a equipe dos hospitais disponibilizava uma fotografia do morto, por intermédio de celulares ou *tablets*, para um dos membros da família. Naquele contexto, também estavam muito restritas as realizações de cerimônias em homenagem ao morto, como velórios, cantos e demais rituais religiosos. Sequer era avaliada a visualização do morto em caixão aberto para as despedidas.⁵ Especificamente no que se

³ Coronavirus Resource Center. (2025). *Covid-19 dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University*. <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

⁴ Brasil. Ministério da Saúde. (2020). *Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus covid-19*. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-publica-protocolo-com-orientacoes-para-velorios-e-enterros>

⁵ BRASIL. Ministério da Saúde. (2020). *Orientações para manejo de pacientes com covid-19*. Brasília: Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19/publicacoes-tecnicas/recomendacoes-orientacoes-para-manejo-de-pacientes-com-covid-19/view>

diz respeito aos velórios, Vicente da Silva (2020), que acompanhou as alterações nos ritos de morte desde o início da pandemia da covid-19, relata em um de seus estudos que:

Em grandes capitais, como é o caso de São Paulo, os corpos dos mortos já são levados em caixão fechado e são deixados em exposição em espaços abertos nos cemitérios pelo tempo máximo de 10 minutos para que pouquíssimos parentes possam se despedir do seu morto. Não são indicadas aglomerações e a urna funerária permanece lacrada. Enterros relâmpagos, parentes desolados, luto frustrado. O avanço da pandemia no Brasil comprova a importância das atividades ritualizadas que muitas vezes não são percebidas em contextos de normalidade (Vicente da Silva, 2020, p. 3).

A partir dessas reflexões, passamos a descrever a razão de buscar reunir reportagens significativas desta época, na imprensa brasileira, sobre os atores sociais que exerciam suas funções profissionais em cemitérios desde março de 2020 – conjuntura em que eclodiu a pandemia da covid-19 no Brasil – e final de 2021, período em que o país disponibilizou a vacinação para a população, que foi eficaz para o controle do vírus.

Este artigo tem como objetivo apreender os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de trabalho de coveiros que atuaram em cemitérios públicos e privados do Brasil. Para tanto, realizamos uma pesquisa documental, em que foram analisadas 26 notícias publicadas na mídia brasileira sobre a atuação dos coveiros durante os anos de 2020 e 2021. Cabe esclarecer que todas as matérias apresentadas no texto foram divulgadas de forma pública e aberta e por meio do Quadro 1 é possível acessá-las. De acordo com as normas descritas pela CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), este tipo de documento isenta os pesquisadores da submissão do projeto de estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de sua instituição de origem, uma vez que não envolve contato direto com seres humanos.

Método

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, do tipo documental (Cellard, 2008), cujas fontes primárias incluíram reportagens e notícias veiculadas no portal de busca Google (www.google.com.br). Utilizamos, como estratégia de busca, as palavras-chave: “coveiros”, “sepultadores”, “cemitérios”, “Brasil”, “pandemia” e “covid-19”.

A primeira etapa da coleta de dados consistiu na catalogação das reportagens e narrativas jornalísticas em que o ofício dos coveiros durante a pandemia de covid-19 era mencionado. O recorte temporal considerou como marco inicial a data em que a covid-19 foi classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde,⁶ 11 de março de 2020, e como marco final o término do ano de 2021, período em que o país já contava com o recurso da vacina e, portanto, maior controle sobre o novo vírus. Ao final dessa etapa, foram reunidas 128 matérias.

⁶ World Health Organization. (2020, March 11). Opening remarks: Media briefing on covid-19 (11 March 2020). World Health Organization. <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>

A segunda etapa da coleta de dados compreendeu a leitura minuciosa do conteúdo das publicações. Em seguida, estabelecemos como critério de inclusão apenas as notícias em que os coveiros/sepultadores constituíam o foco principal da matéria jornalística. Foram excluídos, portanto, os conteúdos cujo enfoque recaía sobre a pandemia em si ou aqueles que abordavam apenas as condições dos cemitérios públicos e privados do país durante o período pandêmico. Além disso, optamos por eliminar as matérias em que a profissão dos coveiros não aparecia nas chamadas (títulos). Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 26 notícias foram selecionadas para o estudo (ver Figura 1).

Tal procedimento resultou em um quadro que possibilitou uma visão ampla e ao mesmo tempo aprofundada do conteúdo das publicações e dos temas divulgados no referido site (Quadro 1). Por fim, os dados provenientes das notícias foram agrupados por semelhança de significados e, à medida que os conteúdos eram analisados, foram enquadrados em categorias, o que permitiu realizar inferências e comparações com outros achados da literatura sobre a temática pesquisada.

Neste artigo apresentamos o levantamento das categorias de análise e destacamos duas matérias jornalísticas para uma reflexão mais aprofundada, a fim de ilustrar, com exemplos, os conteúdos representativos das narrativas predominantes nas demais notícias veiculadas à época sobre o tema.

Figura 1: Identificação e seleção das matérias publicadas pela mídia brasileira acerca dos sepultadores no contexto da pandemia da covid-19, 2020-2021



Fonte: As Autoras (2025)

Influências da pandemia da covid-19 na rotina de trabalho dos coveiros

Com relação à rotina de visitas aos cemitérios, a pandemia também influenciou os rituais antes presentes de forma corriqueira, como grande número de enlutados no feriado de Finados (o Dia dos Mortos), limpeza, ornamentação de túmulos, enterros com presença de grande número de participantes e cerimônias religiosas. Desde março de 2020 houve um esvaziamento desses espaços. Por outro lado, trabalhadores de cemitérios estavam sobrecarregados com maior fluxo de mortes e sepultamentos em decorrência da covid-19. Além disso, houve expressivo aumento e procura pela modalidade de cremação (quando disponível), ou a necessidade de enterramentos em covas coletivas, como ocorrido em Manaus (Figura 2), onde foram abertas valas comuns com retroescavadeiras para 10 corpos ou mais.

Figura 2: “Em meio à dor, famílias de vítimas de covid enterradas em valas comuns em Manaus planejam homenagem para o Dia de Finados”⁷



Fonte: G1 – Amazonas (2021)

⁷ Mendes, K. (2021, novembro 1). Em meio à dor, famílias de vítimas de covid enterradas em valas comuns em Manaus planejam homenagem para o Dia de Finados. *G1 – Amazonas*. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/11/01/em-meio-a-dor-familias-de-vitimas-de-covid-enterradas-em-valas-comuns-em-manaus-planejam-homenagem-para-o-dia-de-finados.ghtml>

Em estudo publicado por Vicente da Silva (2020) a respeito dessas alterações, é possível observar de que maneiras a pandemia de covid-19 influenciou e promoveu modificações nos ritos de morte, no Brasil, como:

Nos enterros da covid-19 não há tempo para honras fúnebres. A tradicional despedida já cristalizada em nossa memória coletiva não deve ser realizada, sob o risco de contaminação. Com a imposição da política pública sanitária de encurtamento dos velórios, os parentes não podem se reunir. As redes de afeto e conhecimento são impedidas de aglomerarem-se (Vicente da Silva, 2020, p. 6).

No cenário brasileiro, a pandemia da covid-19 impactou e afetou diretamente os ritos de morte, exigindo da população adaptação de seus rituais fúnebres. Dentre as alternativas possíveis, destacaram-se os velórios online, as missas de sétimo dia remotas e a criação de espaços virtuais em plataformas como o Facebook e o Instagram para homenagens aos falecidos pela covid-19, bem como outras maneiras criativas de homenagem, pelo uso de tecnologias disponíveis. O uso da tecnologia, apesar de não permitir o toque físico como abraços e encontros presenciais, possibilitou que os enlutados se mantivessem seguros e, ao mesmo tempo, pudessem compartilhar seu pesar com amigos e demais pessoas da rede afetiva do morto.⁸

Contextualizadas essas questões, destacamos a seguir duas matérias que servirão como análise piloto do estudo. Para tanto, focamos especialmente no ofício dos sepultadores. No Brasil, para exercer a ocupação de coveiro, é requerido ensino fundamental completo. Na maior parte do tempo, exerce suas atividades laborais ao ar livre. O exercício dessa profissão envolve riscos biológicos, contato com bactérias, vírus, fungos, parasitas, além de riscos ergonômicos, decorrentes de posturas corporais e do esforço físico (Gwenzi, 2021; Vicente da Silva et al., 2021; Rumble et al., 2014). A contratação de sepultadores pode ocorrer por concurso público ou por processos seletivos feitos por empresas terceirizadas.

Dentre os trabalhadores atuantes em cemitérios, o coveiro (ou sepultador) é aquele que se encontra mais próximo dos corpos mortos e de seus enlutados. Trata-se de ofício predominantemente exercido por pessoas de gênero masculino e é considerado como um dos mais antigos da humanidade, apesar da ausência de registros referentes à sua oficialização como profissão. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO),⁹ os coveiros

⁸ Aqui destacamos uma experiência pessoal de uma das autoras deste artigo, Karla S. Magalhães, que ilustra como se deu essas transformações nos rituais de despedida durante o contexto pandêmico. Durante esse momento de maior restrição de contato físico entre as pessoas, foi comunicada sobre o falecimento de Ana Elisa Bastos Figueiredo, orientadora no mestrado - pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro. Lamentou a impossibilidade de despedida no velório e de testemunho do enterramento, já que estes rituais foram suspensos à época. Mas recebeu um convite de seus familiares para participar do ritual da missa de sétimo dia de forma remota e ao vivo. Reservou então um local na sua casa com privacidade para o momento especial. Por intermédio de mensagem no *chat* do Facebook viu, com alegria, que o padre leu sua homenagem, que foi recebida pelos seus poucos familiares presentes na Capela. Até então, Karla se sentia extremamente angustiada pela ausência de contato físico com os demais enlutados e pela não possibilidade de visão presencial do corpo velado. No entanto, a participação neste ritual possível e adaptado propiciou sentido e aplacou sua dor da perda.

⁹ Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. (2010). *Classificação Brasileira de Ocupações: Códigos, títulos e descrições*. <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/516610-sepultador>

auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas; realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres (Rotar, 2015; Klaassens & Groote, 2014); transladam corpos e despojos; conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho; zelam pela segurança do cemitério.

Por trabalharem diretamente com aspectos densos da morte — como o impacto causado pelo falecido, os líquidos corporais, a sujeira, o odor e a decomposição dos corpos — e por atuarem como atores sociais no doloroso ritual vivido pela família e pelo círculo de sociabilidade do falecido, esses profissionais estão constantemente expostos a diversas expressões emocionais associadas à morte e ao morrer. Os coveiros são os profissionais presentes na última fase dos rituais de despedida de um morto; quando participam do despojo do corpo, instante final de despedida e última oportunidade de visualização do falecido, seja para ser cremado, inumado ou engavetado (Vicente da Silva et al., 2021, p. 223).

Para além dos nexos emocionais com as atividades que executa, o sepultador é alvo de duplo estigma, passível de conduzir à sua fragilização: o primeiro, referente ao seu local de trabalho, à vinculação com a morte e com o morto; o segundo, vinculado ao tratamento que recebe de outros colegas de trabalho. Segundo Cláudia Lessa, em 1995:

tanto os trabalhadores administrativos como os operacionais são conscientes do estigma de trabalharem no cemitério. Os operacionais são mais imunes às pressões e discriminações, criando representações especiais, enquanto os de escritório procuram dissimular a participação no grupo estigmatizado.

[...] os empregados operacionais que trabalham dentro dos cemitérios separam-se em dois grupos distintos: os sepultadores e os demais. O sepultador trabalhando no sepultamento e exumação e os demais, jardineiros e mantenedores, construtores e vigias.

O sepultador é uma das profissões das mais, senão a mais estigmatizada. Chamadas de "formigões" pelos colegas de trabalho, os próprios sepultadores têm consciência disso [...].

Os demais trabalhadores operacionais de cemitério, empregados ou autônomos, como jardineiros, conservadores, mantenedores e vigias, são também estigmatizados, porém o maior e o grande peso do estigma recai sobre o sepultador (Lessa, 1995, pp. 65-68,75).

De acordo com Goffman (1988, p. 6), o termo estigma é um atributo depreciativo, deteriorado, marca ou sinal que uma pessoa tenha e que, conseqüentemente, a faça ser vista pela sociedade como diferente, incapaz e desvalorizada perante as pessoas normais e comuns. Nesse sentido, há atributos que são considerados comuns, naturais e necessários para que as pessoas façam parte de um grupo. Aqueles que não possuem esses atributos passam a ser questionados e a sofrer preconceitos por parte da sociedade.

Para Goffman, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas. Em suas palavras: "quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever

a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" (Goffman, 1963, p. 5). Com base nessas preconcepções, as pessoas as transformam em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. Em suas palavras:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser – incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (Goffman, 1963, p. 6).

Goffman (1963, p. 7) menciona três tipos de estigma: as abominações do corpo (deformidades físicas); as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade (Goffman cita, como exemplos dessa ordem, o distúrbio mental, a prisão, o vício, o alcoolismo, a homossexualidade, o desemprego, as tentativas de suicídio e o comportamento político radical); os estigmas tribais de raça, nação e religião. Ainda segundo o autor (Goffman, 1963, p. 6), esses exemplos de estigma contam com as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode impor a atenção e afastar aqueles que encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, característica diferente do previsto. Em seu livro, Goffman (1963, p. 8) denomina "normais" todos aqueles que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão.

Desse modo, se o estigma é evidente e a sociedade toma seu conhecimento no momento de interação social ou até antes dele – o sociólogo nomeia essa condição de indivíduo desacreditado – o estigmatizado vivencia uma situação desconfortante. Angústia, vergonha, medo e inferioridade são alguns sentimentos do "diferente". Sua carreira moral não é somente saber sua qualidade estigmática, como administrar a tensão sentimental presente no seu dia a dia.

Por outro lado, se é possível ocultar o estigma; se sua existência for imperceptível em um primeiro momento, trata-se de condição desacreditável. O indivíduo que goza dessa condição (o desacreditado) tem uma tarefa árdua, caso pretenda manter em segredo seu estigma. Evitar contato pessoal com as pessoas e usar técnicas que mascarem ou confundam as percepções das outras pessoas sobre seu estigma (encobrimento) são artimanhas frequentes dos desacreditados, pois eles constroem um mecanismo para controlar a seletividade das informações, vivem com medo de serem descobertos, são em sua essência, muitas vezes passíveis de serem chantageados, sob a ameaça de publicização de seu estigma. Por vezes, os desacreditados admitem um estigma considerado menos grave, para esconder o verdadeiro estigma, tido como mais grave, tática denominada acobertamento.

Assim, um desacreditado só tem seu estigma revelado por quem o conhece, ainda que não completamente, mas conhece sua biografia, na qual o estigma está presente.

Quando se refere à biografia, é preciso esclarecer que biografia é o conjunto de aspectos sociais que um sujeito viveu. Desse modo, cada pessoa que tenha relação social com outra irá conhecer uma biografia, um papel desempenhado na sociedade, de maneira que são possíveis inúmeras biografias de um sujeito que, somadas, formam a história da pessoa. Já em relação à normalização dos estigmatizados em geral, tanto os desacreditados como os desacreditáveis, é frequente que o convívio com eles acarrete que o estigma não incomode (Silva, 2018). Os primeiros contatos mobilizam tanto o estigmatizado como os “normais”, mas, com o passar do tempo, o diferente torna-se comum, ambos os sujeitos sociais se acostumam com a situação e deixam de lado as diferenças.

Outro aspecto importante refere-se às organizações dos estigmatizados. Goffman (1963, p. 12) menciona o papel das organizações de estigmatizados, na aceitação e conhecimento de sua condição particular ou peculiar. Tais sujeitos passam dificuldades na sociedade, por serem considerados diferentes. Desse modo, quando encontram seus pares, identificam no outro o seu “eu” e deixam de ser os únicos de sua “espécie”. Além desse papel, também é crucial a função de defesa de seus integrantes perante a sociedade.

Neste estudo partimos do pressuposto de que a profissão de coveiro pode propiciar a produção de diversos tipos de estigma e, também, processos de invisibilização social. Suas atividades laborais podem ser consideradas pela sociedade como “trabalho sujo”, conceito cunhado pelo sociólogo estadunidense Everett Cherrington Hughes (1951). O termo se refere ao descrédito e à desqualificação de algumas profissões e dos sujeitos a elas pertencentes. O segundo pressuposto da pesquisa baseia-se no argumento de que o coveiro ou sepultador pode ser incluído nessa categoria de análise sociológica, uma vez que é tido socialmente como pessoa impura.

O conceito de trabalho sujo permitiu a Hughes (1951) desenvolver reflexões sobre as atividades de extermínio de judeus por agentes do regime nazista, em campos de concentração. Essa modalidade de tarefa foi considerada desprezível pela sociedade alemã à época, apesar de avaliada como necessária, sobretudo em face da ascensão social dos judeus em determinados contextos europeus, situação tida pelos nazistas como perigosa e ameaçadora. Para o autor, a questão crucial para uma compreensão sobre o trabalho sujo refere-se às relações entre uma parcela da sociedade alemã da época e os agentes do nazismo, especialmente o grupo militante dos campos de extermínio. O elo entre os grupos, *in-group* (grupo militante) e *outgroup* (sociedade) era o mandato social punitivo sobre os judeus (Hughes, 1951).

Ashforth e Kreiner (1999, p. 421), baseados nos estudos de Hughes (1951), afirmam que o conceito de trabalho sujo diz respeito à divisão moral do trabalho em cada contexto e sociedade. A partir das atividades avaliadas como socialmente prestigiosas, em diferentes cenários socioculturais, é possível desenvolver uma análise e classificação das restantes, com base na ausência ou presença de aspectos vinculados a atividades socialmente valorizadas. Lixeiros, coveiros e enfermeiros, por exemplo, têm contato direto com dejetos e lixo; bombeiros e mineiros, com o perigo e o nocivo. A impureza social está associada ao contato dos trabalhadores com grupos estigmatizados, como sucede com assistentes sociais, cuidadores

de idosos e guardas prisionais ou, ainda, trabalhadores que executam tarefas em condições de servidão, como empregadas domésticas, engraxates e mordomos.

A mácula moral é referente a trabalhos considerados pecaminosos ou dúbios, como o das *strippers* ou que desafiam as normas de civilidade, como o realizado por interrogadores policiais e investigadores privados (Batista & Codo, 2017). Algumas tarefas laborais podem ser tidas como sujas nas três dimensões mencionadas: física, moral e social. Ashforth e Kreiner (2014, p. 97) preocupam-se com a análise das estratégias empregadas pelos trabalhadores para lidar com a mácula social, minimizando-as ou neutralizando-a. Seus estudos apontam dois processos adotados pelos trabalhadores considerados sujos, em face das atribuições identitárias negativas. O primeiro é a produção de ideologias ocupacionais e grupais; o segundo, a construção de práticas sociais moderadoras do estigma. Segundo os autores, as ideologias como sistemas de crenças que abarcam a natureza do trabalho e a justificativa do interesse na profissão. As ideologias produzem a união do grupo e justificam o exercício da profissão nas interações com pessoas próximas, como amigos e família.

É importante enfatizar que muitas ocupações laborais podem apresentar mais de uma categoria estigmatizante, como é o caso da atividade exercida pelas prostitutas, na qual é possível observar os três tipos de categorias previamente mencionadas. Ainda segundo Ashforth e Kreiner (2014), os agentes funerários e sepultadores são estigmatizados apenas na categoria física (p. 32).

Mary Douglas (1921-2007), em “Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu” (1966), reflete sobre o conceito de sujo ou a ideia de “sujeira” vinculada à desordem social. A sujeira absoluta não existe: ela está nos olhos de quem a vê” (Douglas, 2019, p. 12). A ideia de sujo / impuro é associada aos tabus e serve como critério de classificação e organização social ao longo da história da humanidade. Douglas (2019) menciona, ainda, diversas passagens bíblicas do Velho Testamento, com associações entre impurezas, pecados e proibições, e descreve como as ideias de pureza e perigo são postas como analogias que expressam uma visão geral da ordem social, bem como os rituais religiosos de “purificação”.

Para Mary Douglas (2019, p. 13), os conceitos de poluição e de tabu, frequentemente empregados para analisar o “pensamento primitivo” ou “a mente selvagem”, eram relevantes para uma compreensão do cotidiano dos ocidentais, como os ingleses. Na Inglaterra, assim como na África – local de seu campo de pesquisa, as crenças e as ações referentes à pureza e à impureza não constituem apenas questões de higiene. A higiene e a limpeza integram rituais que possibilitam a criação de ordem na vida. “Quando refletimos honestamente sobre nossas escovações e faxinas”, percebemos que não estamos principalmente procurando evitar doenças, estamos separando, demarcando fronteiras, fazendo afirmações visíveis sobre o lar que pretendemos criar a partir da casa material” (Douglas, 2019, p. 13).

A partir dessas perspectivas teóricas acerca dos conceitos de trabalho sujo, sujeira e estigma, é possível apontar alguns motivos que conduzem à associação direta entre o trabalho dos sepultadores e sua invisibilização social. A concepção vigente do que é tido como “civilizado” está associada à retirada da impureza e da sujeira no cotidiano. Portanto, a higiene está vinculada à civilização, enquanto a sujeira é articulada à barbárie (Douglas, 1991).

Segundo Elias (1994), civilização é a expressão da "autoimagem da classe alta europeia em comparação com outros, que seus membros consideravam mais simples ou mais primitivos" (p. 54). Assim, o conceito de civilização é a forma como a alta classe europeia entendia o desenvolvimento de sua própria história e, também, uma forma de compreensão do desenrolar histórico dos outros povos, sempre estabelecendo relação de distanciamento entre o "nós" = "civilizados" e o "eles" = "bárbaros". As nações que se autodenominam civilizadas consideram estar no ápice do desenvolvimento da humanidade, condição que lhes daria o direito de subjugar quem fosse classificado em período tido como anterior à civilização (Elias, 1994, p. 64). Contudo, esse mesmo conceito, que engrandece as nações civilizadas, está intrinsecamente articulado à sua antítese: à noção de decadência ou degeneração, perigo constante para a civilização. A civilização está frequentemente ameaçada pelo processo de degeneração, sendo necessárias reformas para evitar tal processo de decadência desta sociedade avaliada como civilizada.

As nações ditas civilizadas compreendem que sua condição de ápice civilizatório é uma condição a-histórica, o que significa que os comportamentos e as maneiras "civilizadas" sempre estariam presentes. Elias (1994) desconstrói tal concepção, tida como consenso na década de 1930, demonstrando que o "refinamento" das maneiras e formas de agir resultaram de vários processos graduais de transformações estruturais no comportamento, mentalidade, emoções e, finalmente, da personalidade dos indivíduos que, então, passaram a se considerar civilizados.

A tese de Norbert Elias (1994) acerca do processo civilizador consiste na ideia de que a "civilização", conforme considerada nos séculos XIX e XX, seria resultado de um constructo, de um processo no qual toda a sociedade está envolvida. Todas as características distintivas atribuídas – maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado ou o que quer que seja – atestam a existência de estrutura peculiar de relações humanas, de estrutura social particular, com formas de comportamento correspondentes (Elias, 1994, p. 73).

Para sustentar essa tese, Elias (1994) aplica a metodologia de análise de processos de longa duração, com resultados não previstos pelos agentes da ação inicial. Na prática, Elias trabalha com documentação histórica referente à instituição de regras e padrões, no que tange a determinados comportamentos. Dessa forma, o autor perpassa diversos períodos históricos, abordando o processo de refinamento das ações diante de outros indivíduos, e a transposição de ações consideradas vergonhosas e nojentas apenas para o plano privado da vida individual. Essa introspecção de determinadas ações é resultado da coação entre os indivíduos, oriunda da avaliação por outras pessoas, do comportamento (Elias, 1994, p. 91).

Longe de ser um desenvolvimento racional (Elias, 1994, p. 214), o processo civilizador configura um aumento do sentimento de vergonha associado a determinados comportamentos, produzindo mudanças na estrutura mental e emocional. O resultado final desse processo é o desenvolvimento de autocontrole de ações e emoções, e transformação na estrutura da personalidade individual. A síntese desse estudo de Norbert Elias pode ser caracterizada pela evolução conceitual de determinados tipos de estruturas desenvolvidas pelo autor: comportamento, mental e emocional e, finalmente, de personalidade.

Os conceitos decorrem do aprofundamento e interiorização do processo civilizador, passando de estágios mais superficiais desse processo a instâncias humanas mais profundas. A criação de uma nova estrutura de comportamento ocorre a partir de um longo processo, no qual o indivíduo, mediante coação externa, internaliza as maneiras e os comportamentos considerados “civilizados”, que então passam a integrar a própria constituição do ser, com a internalização inconsciente de determinados comportamentos (Elias, 1994, p. 189). Assim, o processo civilizador sai da superfície “uniformemente de uma maneira específica que transcende as diferenças individuais” (Elias, 1994, p. 48) – estruturas de comportamento –, inserindo-se em instâncias mais profundas do ser, como as estruturas mental e emocional. Quando está profundamente constituído no indivíduo e, mais genericamente, na coletividade, se dá uma modificação na estrutura de personalidade.

Elias (1994) revela como alguns comportamentos sociais, antes considerados como naturais, foram aos poucos afastados da vida cotidiana, de modo que passaram a ser tidos como sujos, impróprios, nojentos, vergonhosos e inadequados. O que era associado à vida animal e natural foi substituído por um conjunto de normas de etiqueta, que ditava e orientava uma distinção entre as classes sociais. A sociedade passou por um processo de assepsia em que o que era categorizado como sujo passou a ser varrido para debaixo do tapete, de forma a ficar a cargo de profissionais – que, posteriormente, foram desqualificados socialmente, pelo contato direto com dejetos, lixos e corpos em decomposição (Batista & Codo, 2017). Tal como o sexo, que também passou por transformações sociais, cada vez mais se tornou escondido e privado, a morte também foi, em determinado período histórico, considerada como fenômeno tabu. Essas proposições teóricas corroboram os pressupostos dessa pesquisa, de que a profissão do sepultador é passível de diversos tipos de estigmas e processos de invisibilização social (Menezes & Gomes, 2011; Suzuki, 2013; Tradii, 2016; Soares, 2018). Por outro lado, à semelhança do dispositivo da sexualidade (Foucault, 1988) que produziu a sexualidade como esfera que deu acesso à verdade interior da pessoa e, posteriormente, a um processo de crescente visibilização social, o processo do morrer também passou a ser objeto de crescente visibilização social (Menezes, 2014; Menezes & Machado, 2019). A partir desse pressuposto, é possível um entendimento de matérias jornalísticas com espaço para o coveiro, durante a pandemia de covid-19, nos anos de 2020 e 2021. O século XXI assiste a uma crescente exposição e visibilização do processo do morrer, inclusive em período anterior ao advento da pandemia (Menezes, 2014; Menezes & Machado, 2019). A seguir apresentamos uma notícia que evidencia essa mudança.

Resultado da busca de notícias da imprensa brasileira sobre os sepultadores no contexto da pandemia da covid-19: 2020-2021

Durante os dois primeiros anos da pandemia da covid-19, realizamos um acompanhamento sistemático das notícias veiculadas na mídia nacional, que tratavam do trabalho dos profissionais atuantes em cemitérios públicos e privados no Brasil. A intenção era identificar como a imprensa retratava esses trabalhadores no contexto da crise sanitária, considerando o caráter historicamente invisibilizado e estigmatizado de sua profissão. O



mapeamento incluiu reportagens de diferentes regiões do país, veiculadas em meios de comunicação de ampla circulação, permitindo captar múltiplas vozes e narrativas sobre o cotidiano e as condições de trabalho dos coveiros. A seguir, apresentamos o conjunto de fontes analisadas.

Quadro 1: Fontes da imprensa sobre o ofício dos coveiros de cemitérios públicos e privados do Brasil no contexto da pandemia de covid-19 – 2020/2021

Fonte	Mês/ano	Título	Link de acesso
Folha de São Paulo	Abril/2020	Manaus registra enterros simultâneos, aglomeração e coveiros sem proteção	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/manaus-registra-enterros-simultaneos-aglomeracao-e-coveiro-sem-protecao.shtml
Portal G1- Globo	Abril/2020	Não sou coveiro, tá? Diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por Coronavírus	https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml
Deutsche Welle (DW)	Abril/2020	"Não é normal", dizem coveiros sobre trabalho em São Paulo	https://www.dw.com/pt-br/n%C3%A3o-%C3%A9-normal-dizem-coveiros-sobre-trabalho-em-cemit%C3%A9rios-de-s%C3%A3o-paulo/a-53057182
TAB – UOL on-line	Abril/2020	No maior cemitério do Brasil, coveiros sentem peso do coronavírus	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/04/02/no-maior-cemiterio-do-brasil-coveiros-sentem-peso-do-coronavirus.htm
VEJA	Abril/2020	Coronavírus leva prefeitura de São Paulo a dobrar número de coveiros	https://veja.abril.com.br/brasil/coronavirus-leva-prefeitura-de-sao-paulo-a-dobrar-numero-de-coveiros/
Estadão	Abril/2020	Coronavírus: cemitério de São Paulo já tem mais enterros e abre sepulturas; prefeitura contrata coveiros	https://saude.estadao.com.br/noticias/geral/coronavirus-cemiterio-de-sp-ja-tem-mais-enterros-e-abre-sepulturas-prefeitura-contrata-coveiros,70003258701
UOL, Viva bem - reportagens	Mai/2020	Lágrimas invisíveis: Saúde mental dos sepultadores está abalada por causa do coronavírus, mas como se manter são?	https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/saude-mental-dos-coveiros-em-meio-a-pandemia/#page16
Jovem Pan – Jornal da manhã	Junho/2020	Duas faces da covid-19: Como é a rotina de um pastor e coveiro durante a pandemia	https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/duas-faces-coronavirus-pandemia.html
Revista Piauí	Julho/2020	Tudo acaba em barro: Um coveiro em Manaus conta seu cotidiano durante a pandemia	https://piaui.folha.uol.com.br/materia/diario-de-um-coveiro/

A Gazeta	Julho/2020	Criado em cemitério, coveiro do ES tem medo do coronavírus: "Não imaginava uma situação dessa".	https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/criado-em-cemiterio-coveiro-do-es-tem-medo-do-coronavirus-nao-imaginava-uma-situacao-dessa-0720
SBT – News	Janeiro/2021	"É muita dor", diz o coveiro que enterrou 198 pessoas em Manaus	https://www.sbtnews.com.br/noticia/coronavirus/158996-e-muita-dor-diz-o-coveiro-que-enterrou-198-pessoas-em-manaus
Metrópoles	Janeiro/2021	Em Manaus, retroescavadeiras viram coveiros e famílias têm 5 minutos para enterrar parentes	https://www.metropoles.com/brasil/em-manaus-retroescavadeiras-viram-coveiros-e-familias-tem-5-minutos-para-enterrar-parentes
BNC Amazonas	Janeiro/2021	Coveiros: soldados ocultos da 'linha de frente' contra a covid-19	https://bncamazonas.com.br/municipios/coveiros-soldados-ocultos-linha-frente-Covid-19/
Folha de São Paulo	Fevereiro/2021	Sepultadores pedem prioridade da categoria na vacinação contra a covid-19 em SP	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/sepultadores-pedem-prioridade-da-categoria-na-vacinacao-contra-a-Covid-19-em-sp.shtml
acritica.com Manaus	Fevereiro/2021	Coveiros na pandemia: a realidade de quem vê diariamente o fim da batalha pela vida	https://www.acritica.com/manaus/coveiros-na-pandemia-a-realidade-de-quem-ve-diariamente-o-fim-da-batalha-pela-vida-1.23529
Hoje em Dia – notícias	Fevereiro/2021	Quase 'invisíveis' e com emoções à prova, coveiros contam histórias ainda mais tristes após pandemia	https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/quase-invis%C3%ADveis-e-com-emo%C3%A7%C3%B5es-%C3%A0-prova-coveiros-contam-hist%C3%B3rias-ainda-mais-tristes-ap%C3%B3s-pandemia-1.825563
UOL notícias	Março/2021	'Ninguém sonha em ser coveiro', diz engenheiro que virou sepultador	https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/25/engenheiro-vira-sepultador-na-pandemia-ninguem-sonha-em-ser-coveiro.htm
Diário do Nordeste	Março/2021	Coveiros relatam cansaço e dor de ver famílias não poderem dar adeus aos parentes mortos por covid-19	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/coveiros-relatam-cansaco-e-dor-de-ver-familias-nao-poderem-dar-adeus-aos-parentes-mortos-por-Covid-1.3064680
Folha de São Paulo	Março/2021	Câmara aprova texto-base de projeto que inclui coveiros, garis, taxistas e oficiais de justiça nas prioridades de vacinação	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/camara-aprova-texto-base-de-projeto-que-inclui-coveiros-garis-taxistas-e-oficiais-de-justica-nas-prioridades-de-vacinacao.shtml

Portal G1- Globo PE	Março/2021	Um ano de mortes por covid: coveiros enfrentam sobrecarga e impacto emocional: “temos medo de levar vírus para casa”	https://g1.globo.com/pe/ pernambuco/noticia/2021/03/25/um-ano-de-mortes-por-Covid-coveiros-enfrentam-sobrecarga-e-impacto-emocional-temos-medo-de-levar-virus-para-casa.ghtml
METRO 1	Março/2021	Última linha contra o coronavírus: trabalho dos coveiros é cada vez maior na pandemia	https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/104579,ultima-linha-contra-o-coronavirus-trabalho-dos-coveiros-e-cada-vez-maior-na-pandemia
Olhar Direito - notícias	Março/2021	Coveiro conta drama de famílias que tentam abrir caixão de vítimas de covid-19	https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=484051&noticia=coveiro-counta-drama-de-familias-que-tentam-abrir-caixao-de-vitimas-de-Covid-19&edicao=3
Valor.globo.com	Abril/2021	Filosofias de um coveiro na pandemia	https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/04/01/filosofias-de-um-coveiro-na-pandemia.ghtml
LIBERAL	Abril/2021	Em rotina intensa, covid-19 sobrecarrega trabalhadores de cemitérios da região	https://liberal.com.br/cidades/regiao/em-rotina-intensa-Covid-19-sobrecarrega-trabalhadores-de-cemiterios-da-regiao-1492701/
TAB - UOL PE	Maio/2021	Testemunhas da morte: o trabalho de coveiros como linha de frente da pandemia da covid-19	https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/05/12124299-testemunhas-da-morte-o-trabalho-de-coveiros-como-linha-de-frente-durante-a-pandemia-da-covid-19.html
Correio - Salvador	Maio/2021	Com aumento de trabalho na pandemia, coveiros baianos se apegam à família e à religião	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-aumento-de-trabalho-na-pandemia-coveiros-baianos-se-apegam-a-familia-e-a-religiao/

Fonte: As autoras (2025).

Vozes da pandemia: uma leitura das matérias jornalísticas brasileiras de 2020 e 2021

Durante os dois primeiros anos da pandemia de covid-19, acompanhamos atentamente as notícias veiculadas na mídia nacional sobre os profissionais que atuavam em cemitérios públicos e privados. Esses trabalhadores, frequentemente invisibilizados, estiveram na “linha de frente”¹⁰ – como eram apresentados pelas matérias jornalísticas – da crise sanitária, enfrentando a morte cotidiana e lidando diretamente com o aumento expressivo de sepultamentos em

¹⁰ A expressão “linha de frente” foi amplamente utilizada durante a pandemia de covid-19 para designar profissionais que atuavam diretamente no enfrentamento da doença, especialmente aqueles expostos ao risco de contaminação – como médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, agentes funerários e coveiros. Seu uso deriva de uma metáfora de guerra, em que a sociedade é figurada como um campo de batalha contra um inimigo invisível – o vírus. Nesse contexto simbólico, os profissionais de saúde e serviços essenciais são vistos como soldados que ocupam a posição mais perigosa e nobre do combate.

condições de extrema precariedade. O levantamento das matérias publicadas entre 2020 e 2021 permitiu compreender, sob diferentes dimensões, como a imprensa construiu as representações sociais do ofício dos coveiros nesse período crítico.

A primeira dimensão refere-se às condições de trabalho e infraestrutura, em que a precarização, a ausência de equipamentos de proteção individual, a sobrecarga e a improvisação se tornaram rotina. As reportagens descrevem o aumento vertiginoso da demanda — o dobro, às vezes o triplo, de enterros diários —, a escassez de mão de obra, as contratações emergenciais e o uso de retroescavadeiras para dar conta do acúmulo de corpos. A imagem recorrente é a de trabalhadores exaustos, enfrentando jornadas prolongadas em meio a riscos biológicos, calor intenso e falta de apoio institucional.

Outra categoria diz respeito à visibilidade e invisibilidade social, pois os coveiros, historicamente marginalizados, emergiram brevemente no espaço público como personagens das narrativas jornalísticas. Alguns veículos os apresentaram como "heróis ocultos" ou "soldados da linha de frente", exaltando sua dedicação, enquanto outros apenas os mencionaram como parcela anônima da engrenagem da morte. Essa ambiguidade midiática revela a tensão entre o reconhecimento momentâneo e o descaso estrutural — a visibilidade efêmera que não se converte em valorização duradoura.

As matérias também evidenciam os impactos psicológicos e emocionais vividos por esses profissionais, sujeitos ao medo constante de contaminação e ao sofrimento vicário diante do luto coletivo. Muitos relataram o temor de levar o vírus para casa e contaminar familiares, enquanto buscavam amparo na fé, na convivência familiar, no humor ou em reflexões existenciais para suportar o peso do trabalho. O esgotamento, a ansiedade e os traumas se tornaram marcas de um cotidiano em que a morte deixou de ser exceção para se tornar rotina.

Nas representações midiáticas e discursivas, nota-se o emprego frequente de metáforas de guerra — "linha de frente", "batalha", "soldados" — e o uso alternado de enquadramentos heroicos ou trágicos. Parte da imprensa humanizou as histórias, dando nome e rosto aos coveiros; outra parte recorreu a narrativas sensacionalistas, explorando o sofrimento sem aprofundar as causas estruturais. Essa oscilação discursiva entre empatia e espetáculo revela o modo como o jornalismo negocia o lugar da morte no espaço público.

As dimensões políticas e institucionais também se fizeram presentes. Reportagens destacaram falas de autoridades, como a infame declaração do então presidente: "Não sou coveiro, tá?", que sintetizou o distanciamento simbólico do poder diante da tragédia. Em contraste, outras matérias abordaram as políticas públicas voltadas à categoria — contratações emergenciais, vacinação prioritária e ausência de apoio psicológico ou financeiro —, apontando a fragilidade da responsabilidade estatal sobre a gestão da morte.

Outro eixo recorrente envolve a religião, espiritualidade e sentido do trabalho, que emergem como formas de resistência simbólica. Muitos coveiros recorreram à fé para ressignificar a própria função, afirmando "filosofias de coveiro" e expressando, em suas falas, percepções sobre a finitude, o destino e a transcendência. Em alguns casos, figuras como pastores ou líderes religiosos que também exerciam o ofício transformaram o cemitério em espaço de reflexão espiritual e cuidado coletivo.

As matérias que compõem o campo das narrativas humanas e biográficas trazem histórias singulares – o coveiro “criado no cemitério”, o “engenheiro que virou sepultador”, o trabalhador que amparava famílias em prantos mesmo sem poder abraçá-las. Esses relatos revelam o acaso e a vocação que permeiam a escolha (ou imposição) da profissão, bem como o cotidiano vivido como testemunho da pandemia, em que a compaixão e o cansaço coexistiam.

Por fim, as reportagens sobre rituais de morte e alterações no luto descrevem as transformações impostas pela emergência sanitária: enterros rápidos, cerimônias de cinco minutos, caixões lacrados, ausência de velórios e tentativas das famílias de romper as regras para se despedirem. O luto coletivo e individual foi, assim, profundamente alterado, com esvaziamento de gestos simbólicos e produzindo um sofrimento silencioso que ainda ecoa entre muitos enlutados.

Essas categorias não apenas organizam as narrativas jornalísticas, mas revelam as múltiplas camadas de sentido que atravessaram o trabalho dos sepultadores no Brasil pandêmico – entre a invisibilidade histórica e a súbita, porém frágil, visibilidade mediada pela imprensa, entre o heroísmo atribuído e o abandono real, entre a dor coletiva e as pequenas formas de humanidade que resistiram à sombra da morte.

Reflexões em paralelo: duas matérias, uma mesma temática

Uma das notícias que escolhemos para aprofundar o conteúdo de sua narrativa foi publicada em 25 de março de 2021, no portal eletrônico UOL notícias: *“Ninguém sonha em ser coveiro”, diz engenheiro que virou sepultador*. A escolha pela notícia se deu por dois motivos: primeiro, chama a atenção o foco e a visibilização sobre o estigma e o desprestígio da profissão, no título. Por que uma pessoa não poderia sonhar em ser coveiro? O segundo motivo está vinculado à crise política e econômica brasileira. Segundo nossa perspectiva, com o crescente desemprego na sociedade brasileira, profissionais formados em determinada área não tiveram condições de exercê-la, de modo que houve uma busca por vínculos de trabalho em outras áreas, fora de seu *ethos* profissional. A matéria relata a experiência de um homem formado em engenharia mecatrônica que, diante da crise sanitária e econômica, migrou para o ramo funerário. “Ninguém sonha em ser coveiro, né? Me formei em engenharia mecatrônica, já tinha feito o [curso] técnico, já tinha experiência na área. Mas o único emprego que está tendo agora é em hospital e cemitério”, conta Bruno. Antes da pandemia, ele estava se organizando para fazer um intercâmbio na Austrália. “Já estava com tudo certo para ir”, diz. Agora, seu único plano é continuar trabalhando e juntar dinheiro até o término da pandemia e reabertura das fronteiras entre os países, para imigração. Ele conta que, quando foi chamado por um conhecido para trabalhar no cemitério, achou que era brincadeira de seu amigo. “Um colega meu falou: ‘Quer trabalhar de coveiro?’. Falei: ‘Você está brincando?’. Ele falou: ‘Estou falando sério, você quer?’. Ai eu estava desempregado, as contas atrasando, falei: ‘Vou ver o que acontece’, relata. “Mexia com tecnologia, com manutenção. Não tinha experiência nenhuma em cavar cova, em pegar pá”.¹¹

¹¹ Martinho, A. (2021, 25 de março). “Ninguém sonha em ser coveiro”, diz engenheiro que virou sepultador. *UOL Notícias*. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/engenheiro-vira-sepultador-na-pandemia-ninguem-sonha-em-ser-coveiro.htm>

O aprendiz de coveiro da publicação menciona as dificuldades enfrentadas no início de sua inserção no ramo funerário, revelando tratar-se de um ofício que requer força física e destreza no manejo e traslado dos corpos mortos. Seu relato evidencia uma preocupação com os riscos de contaminação, pois não se sentia protegido de contato com os possíveis vetores de contágio, por carência de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual). No entanto, chama a atenção que, apesar dessas dificuldades, o que mais o impactou no exercício da profissão foram suas emoções, que emergiram em certas situações, como por ocasião de sepultamentos de crianças ou bebês, denominados por ele de “anjos”. Por rádio, Bruno avisa a um colega: *“Arruma bem a cova que chegou um anjinho. Não é da covid-19, mas não vai velar”*. O anjinho era um bebê, morto em uma complicação durante o parto. A mãe, internada com hemorragia, não pôde enterrar o filho. Cerca de 20 familiares participaram do cortejo e sepultaram o recém-nascido em um caixãozinho branco.¹²

Para o entrevistado, a covid-19 não estaria vinculada à sua dificuldade de exercício da nova profissão e, ao mesmo tempo, não previu que as crianças também morriam e logo deparou-se com o seguinte desafio: *“A gente tenta não ficar impressionado, mas tem uns casos que marcam. Teve um que me marcou muito no ano passado, era um menino de cinco anos que tinha morrido espancado pelo pai. O rosto dele estava todo machucado, cheio de hematoma. Aquele dia eu fiquei lembrando do rosto dele”*.¹³

A narrativa do sepultador revela questões presentes no ofício dos profissionais que atuam em cemitérios. Há dificuldade no manejo de corpos de crianças e de quem foi vítima de violência. Acrescente-se o dado de que também são mencionadas alterações na rotina de trabalho, desde o início da pandemia da covid-19, em função das novas diretrizes do Ministério da Saúde concernentes aos cuidados com os corpos no contexto pandêmico vigente.

Em março de 2020, a OMS publicou o “Guia de prevenção e controle de infecções para o gerenciamento seguro de um cadáver no contexto da covid-19”,¹⁴ frisando que um cadáver não representaria risco de transmissão e/ou contaminação do Coronavírus. O manual do Ministério da Saúde, intitulado “Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo Coronavírus SARS-COV-2; covid-19”,¹⁵ no entanto, regulamenta algumas restrições, com o objetivo de reduzir risco de contágio, com limitações de proximidade, barreiras, preparo do cadáver, e alterações nos rituais de despedida, como velórios (ex.: redução de participantes e de tempo até o fechamento do túmulo, ausência e/ou abreviação de cerimônias, evitação de contato físico com o corpo morto, restrição de pessoas consideradas ‘grupo de risco’,

¹² Martinho, A. (2021, 25 de março). “Ninguém sonha em ser coveiro”, diz engenheiro que virou sepultador. *UOL Notícias*. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/engenheiro-vira-sepultador-na-pandemia-ninguem-sonha-em-ser-coveiro.htm>

¹³ Martinho, A. (2021, 25 de março). “Ninguém sonha em ser coveiro”, diz engenheiro que virou sepultador. *UOL Notícias*. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/engenheiro-vira-sepultador-na-pandemia-ninguem-sonha-em-ser-coveiro.htm>

¹⁴ World Health Organization. (2020, September). *Infection prevention and control for the safe management of a dead body in the context of covid-19*. <https://bit.ly/3iTAoEA>

¹⁵ Brasil. Ministério da Saúde. (2020). *Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus covid-19*. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-publica-protocolo-com-orientacoes-para-velorios-e-enterros>

como idosos, gestantes, lactantes, portadores de doenças crônicas e comorbidades, imunodeprimidos) e sepultamentos (ex.: distanciamento social e indicação de máximo de dez pessoas no enterro), fato que interfere no processo tido como elaboração saudável do luto, cujos efeitos em diferentes dimensões subjetivas e emocionais ainda não são mensuráveis (Vicente da Silva et al., 2021).

Outra notícia veiculada por diferentes meios de comunicação no mesmo período destacou uma declaração do então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que causou grande repercussão e chocou uma significativa parcela da sociedade brasileira em meio àquele momento dramático da pandemia. Durante entrevista coletiva à imprensa, um jornalista perguntou ao presidente o que ele pensava a respeito dos últimos números que indicavam aumento expressivo de mortes pela covid-19, no Brasil à época (em 20 de abril de 2020: 2.575 mortos no total e mais de 300 no último dia, com 40.581 casos confirmados de pessoas contaminadas). O então chefe do poder Executivo interrompeu o repórter bruscamente e declarou, em tom irônico e enfático, acompanhado por risos de seus assessores, que não era coveiro¹⁶ e que a pandemia era inevitável e natural. Assim, essa figura pública minimizou a importância da eclosão da pandemia da covid-19. A fala denota banalização da morte e do sofrimento dos familiares enlutados, por parte do então mandatário da nação.

“Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes. Quantas mortes o senhor acha que”, perguntava um jornalista quando Bolsonaro o interrompeu. “Ô, cara, quem fala de [...] Eu não sou coveiro, tá certo?”, declarou o presidente. O repórter, então, tentou fazer novamente a pergunta, em sequência. “Não sou coveiro, tá?”, repetiu o Presidente da República.¹⁷

As duas notícias ilustram como o ofício dos sepultadores ganhou visibilidade, a partir do advento da pandemia da covid-19 no Brasil. No entanto, essas, dentre inúmeras reportagens, mencionam a profissão de maneira estigmatizada. Ao mesmo tempo em que a categoria recebeu notoriedade pela imprensa brasileira, manteve seu caráter de trabalho sujo e sem prestígio, com posição hierárquica inferior e pejorativa.

Na primeira reportagem há uma fala referente à aceitação do engenheiro como concessão excepcional da profissão de coveiro, devido à crise econômica – por falta de opção e oportunidades melhores. Na segunda, o presidente do país banaliza a morte e quem com ela trabalha. Assim, a crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19 interfere e acarreta alterações nos ritos fúnebres, bem como no processo de elaboração do luto nas visitas aos cemitérios públicos e privados. Estudos recentes das Ciências Sociais, durante e após o término da pandemia da covid-19, apontam as implicações decorrentes dessas mudanças (Vicente da Silva, 2020; Vicente da Silva et al., 2021; Lerner e Aisengart, 2024).

¹⁶ Gomes, P. H. (2020, 20 de abril). “Não sou coveiro, tá?”, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus (covid-19). G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>

¹⁷ Gomes, P. H. (2020, 20 de abril). “Não sou coveiro, tá?”, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus (covid-19). G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>

Conclusões

O cenário pandêmico tensionou as fronteiras entre o visível e o invisível no mundo do trabalho, obrigando a sociedade a reconhecer, ainda que temporariamente, profissões até então silenciadas ou marginalizadas. A atuação dos coveiros, fundamental na sustentação dos rituais de despedida em um contexto de crise sanitária e colapso institucional, ganhou espaço nos noticiários, revelando não apenas as condições na rotina desses trabalhadores, como sua relevância social.

No entanto, essa visibilidade mediada pela dor e pela urgência não se traduziu, necessariamente, em valorização duradoura. O discurso público contém resquícios de desprezo, ironia e repulsa – conforme evidenciado tanto em reportagens quanto em declarações oficiais, como as previamente citadas nesse artigo (“e daí? Não sou coveiro”, por exemplo). O ofício do coveiro permanece associado às ideias de exceção, emergência ou, ainda, último recurso, em comparação com os significados de uma profissão legítima, com direitos, saberes e dignidade.

A análise das reportagens jornalísticas permitiu identificar diversas dimensões do cotidiano dos sepultadores durante a pandemia, que foram organizadas em categorias temáticas amplas. Destacam-se os resultados: sobrecarga de trabalho, acúmulo de funções, exposição a riscos biológicos, dificuldade de acesso a Equipamentos de Proteção Individual (EPI), medo de contaminação, impacto emocional devido ao elevado número de sepultamentos e alterações nos rituais de despedida. Além disso, a leitura dos textos revelou reivindicações por melhores condições de trabalho e prioridade de acesso à vacina, bem como a migração de profissionais de outras áreas para o setor funerário diante do desemprego e da necessidade econômica. Essa mudança laboral, no entanto, foi frequentemente percebida como de caráter emergencial, como bem ilustra o depoimento presente em uma das reportagens analisadas: “Ninguém sonha em ser coveiro”.

Ao analisar o modo como esses trabalhadores foram representados durante a pandemia, enfatizamos a concepção de que a transformação dessa imagem demanda mais do que um reconhecimento pontual. Antes, trata-se de um processo em prol de uma desnaturalização dos estigmas associados à morte e seus agentes. Enfrentar esse desafio é, em última instância, uma tarefa ética e política – fundamental para qualquer sociedade que se pretenda justa diante da finitude, em busca do que pode ser considerado como dignidade – no viver e no morrer.

Referências Bibliográficas

Aisengart, R., & Machado, R. (2019). Visibilização contemporânea do processo do morrer: novos rituais e sensibilidades. *Tempo da Ciência*, 26(51), 1-16.

Ashforth, B. E., & Kreiner, G. E. (2014). Dirty work and dirtier work: Differences in countering physical, social, and moral stigma. *Management and Organization Review*, 10(1), 81-108.

Batista, A. S., & Codo, W. (2017). Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios. *Revista de Estudos Sociais*, 63, 72-83. http://www.scielo.org.co/pdf/res/n63/pt_0123-885X-res-63-00072.pdf



Borges, L. A., Silva, P. H. B. da, Zara, A. L. S. A., & Oliveira, E. S. F. de. (2025). Vigilância em saúde no enfrentamento da covid-19 no Brasil: uma revisão de escopo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 30(5), e02202025. <https://doi.org/10.1590/1413-81232025305.02202025>

Casellato, G. (Org.). (2020). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. Summus.

Carvalho, A. F. M. de, Tiburi, R. G. B., Jucá, M. C. P., Sales, M. S., Neves, J. M. C., Silva, C. G. L. da, & Gadelha, M. S. V. (2021). Perdas, mortes e luto durante a pandemia de covid-19: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Development*, 7(9), 90853-90870. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36149/pdf>

Cellard, A. (2008). A análise documental. In J. Poupart, J. -P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & A. Pires (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Vozes.

Douglas, M. (2019). *Pureza e perigo: Ensaio sobre as noções de poluição e tabu* (3ª ed.). Editora Perspectiva.

Elias, N. (1994). *O processo civilizador: Uma história dos costumes* (Vol. 1). Zahar.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Edições Graal.

Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus Editorial.

Goffman, E. (1988). Estigma e identidade social. In E. Goffman. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (pp. 5-37). LTC.

Guidetti, G., Viotti, S., Bruno, A., Gilardi, S., & Converso, D. (2021). Funeral and mortuary operators: The role of stigma, incivility, work meaningfulness, and work-family relation to explain occupational burnout. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(13), 6691. <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/13/6691>

Gwenzi, W. (2021). Autopsy, thanatopraxy, cemeteries and crematoria as hotspots of toxic organic contaminants in the funeral industry continuum. *Science of the Total Environment*, 753, 141819. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048969720353481>

Hughes, E. C. (1951). Work and the self. In J. H. Rohrer & M. Sherif (Eds.). *Social psychology at the crossroads* (pp. 313-323). Harper.

Klaassens, M., & Groote, P. D. (2014). Postmodern crematoria in the Netherlands: A search for a final sense of place. *Mortality*, 19(1), 1-21. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13576275.2013.843511>

Kovács, M. J. (2020). Prefácio: De quarentena pela covid-19. In G. Casellato (Org.). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. Summus.

Lerner, K. & Aisengart, R. (2024). Covid-19 e tempos de crise: entre o risco e o cuidado. *Saúde & Sociedade*, 33(3), e240309pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-129020240309pt>

Lessa, C. (1995). *Trabalhando com a morte* (2ª ed.). Scarpita Gráfica e Editora.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (3ª ed.). n-1 Edições.



Menezes, R. A. (2014). Biomedicina e gestão contemporânea do morrer. In A. Ewald, J. Soares, M. F. V. Severiano, C. A. B. Aquino, & A. Mattos (Orgs.). *Subjetividade e temporalidades: diálogos impertinentes e transdisciplinares*. Garamond.

Menezes, R. A., Machado, R. M. (2019) Visibilização contemporânea do processo do morrer: novos rituais e sensibilidades. *Revista Tempo da Ciência*, 26(51).

Menezes, R. A., Machado, R. M., & Silva, N. R. (2021). Final de vida e rituais fúnebres: Perspectiva socioantropológica. In F. R. Cordeiro, J. R. Fripp, & S. G. Oliveira (Orgs.). *Final de vida: Abordagem multidisciplinar*. Moriá Editora.

Menezes, R. A., & Gomes, E. C. (2011). Seu funeral, sua escolha: Rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia*, 54(1), 89-131.

Reis, J. J. (1991). *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Companhia das Letras.

Rotar, M. (2015). Attitudes towards cremation in contemporary Romania. *Mortality*, 20(2), 145-162. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13576275.2014.989825>

Rumble, H., Troyer, J., Walter, T., & Woodthorpe, K. (2014). Disposal or dispersal? Environmentalism and final treatment of the British dead. *Mortality*, 19(3), 243-260. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13576275.2014.920315>

Silva, J. M. R. (2018). *Sepulta-a-dor: Reflexões sobre os possíveis efeitos do trabalho como coveiro* [Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal de Campo Grande].

Soares, E. R. O. (2018). *Um olhar voltado para os coveiros: Trabalhadores invisíveis* [Trabalho de conclusão de curso de especialização, Universidade Federal de Mato Grosso]. https://bdm.ufmt.br/bitstream/1/1072/1/TCCP_2018_Edna%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20Soares.pdf

Susuki, H. (2013). *Death and dying in contemporary Japan*. Routledge.

Tradii, L. (2016). *Death and dying in contemporary Japan* [Resenha]. *Mortality*, 21(4), 399-400. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13576275.2016.1206517>

Vicente da Silva, A. (2020). Velórios em tempos de covid. *Boletim n. 25: Ciências Sociais e o Coronavírus, Anpocs*. <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2339-boletim-n-25-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>

Vicente da Silva, A. (2020, julho 20). Os ritos possíveis de morte em tempos de coronavírus. *Revista Dilemas IFCS-UFRJ, Reflexões na pandemia: 1*, 1-12. <https://www.reflexpandemia.org/texto-50>

Vicente da Silva, A., Rodrigues, C., & Aisengart, R. (2021). Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de covid-19 no Brasil. *Revista NUPEM*, 13(30), 214-234.

Vicente da Silva, A. (2022, setembro 3). *Apresentação na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA)*. Curitiba.

Recebido em: 30 de maio de 2025

Aprovado em: 26 de outubro de 2025

